

# TRATADO DE BIOÉTICA

## COLEÇÃO ETHOS

---

- *Ética de Gaia: ensaios de ética socioambiental*, Jelson Roberto de Oliveira, Wilton Borges dos Santos
- *Ética, Direito e Democracia*, Manfredo Araújo de Oliveira
- *Ética e cidadania na educação: reflexões filosóficas e propostas de subsídios para aulas e reuniões*, Antonio Bonifácio Rodrigues de Sousa
- *Ética pós-moderna*, Zygmunt Bauman
- *Técnica, Medicina e Ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*, Hans Jonas
- *Ética, Direito e Política: a paz em Hobbes, Locke, Rousseau e Kant*, Paulo César Nodari
- *Tratado de bioética: em prol de uma nova utopia civilizadora?*, Christian Byk

Christian Byk

Magistrado, Secretário-geral da Associação Internacional Direito, Ética e Ciência

# TRATADO DE BIOÉTICA

Em prol de uma nova utopia civilizadora?



Título do original: *Traité de bioéthique - Vers une nouvelle utopie civilisatrice?*  
© 2011, Les Études Hospitalières, France  
ISBN 978-2-84874-218-2  
www.leh.fr

Todos os direitos reservados à LES ÉTUDES HOSPITALIÉRES

Tradução: *Guilherme João de Freitas Teixeira*

Diretor editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Manoel Gomes da Silva Filho*

*Mario Roberto de M. Martins*

*Tarsila Doná*

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Byk, Christian

Tratado de bioética: em prol de uma nova utopia civilizadora? / Christian Byk; [traduzido por  
Guilherme João de Freitas Teixeira]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção ethos)

Título original: *Traité de bioéthique: vers une nouvelle utopie civilisatrice?*

ISBN 978-85-349-4078-8

1. Bioética 2. Direito internacional 3. Direitos humanos I. Título. II. Série.

14-11666

CDD-344.0419

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Bioética: Problemas na prática médica 344.0419

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

---

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4078-8

# Sumário

Introdução.....	9
-----------------	---

## **PRIMEIRA PARTE**

<b>A GALÁXIA BIOÉTICA: NEBULOSA OU CONSTELAÇÃO?</b> .....	15
---	----

<b><i>Título 1: As origens da bioética</i></b> .....	17
--	----

Capítulo 1: GÊNESE E HISTÓRIA DA BIOÉTICA .....	19
---	----

Capítulo 2: A BIOÉTICA NA EUROPA (NO FINAL DOS ANOS 1980): UMA PAISAGEM FRAGMENTADA.....	35
---	----

<b><i>Título 2: As fontes da bioética</i></b> .....	47
---	----

Capítulo 3: A BIOÉTICA NA CONFLUÊNCIA DOS SABERES .....	49
---	----

Capítulo 4: BIOÉTICA E RELIGIÕES.....	61
---------------------------------------	----

Capítulo 5: BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS: UMA ALIANÇA AMBÍGUA? .....	79
---	----

<b><i>Título 3: O debate bioético ou como enfrentar a tecnociência</i></b> .....	105
--	-----

Capítulo 6: INCREMENTAR A DEMOCRACIA EM FACE DA TECNOCIÊNCIA: UM DESAFIO AO “MELHOR DOS MUNDOS” .....	107
--	-----

## **SEGUNDA PARTE**

### **AS FERRAMENTAS DA BIOÉTICA:**

<b>A CONSTRUÇÃO DE UMA DIALÉTICA</b> .....	129
--	-----

<b><i>Título 1: Reformular um discurso sobre o método</i></b> .....	131
---	-----

Capítulo 7: A DIALÉTICA BIOÉTICA E O CONTROLE DA DECISÃO .....	133
--	-----

Capítulo 8: OS TRÊS PILARES DA SABEDORIA BIOÉTICA.....	141
--	-----

<b>Título 2: A linguagem da bioética</b> .....	153
Capítulo 9: A BIOÉTICA: LINGUAGEM MEDIADORA OU LINGUAGEM MUDIÁTICA?.....	155
Capítulo 10: AS PALAVRAS DA BIOÉTICA: REVELAR OU DISSIMULAR A REALIDADE?.....	177
<b>Título 3: As instituições e os atores da bioética</b> .....	199
Capítulo 11: A BIOÉTICA: UMA PERÍCIA EM MEIO A UM CONFLITO DE PODERES?.....	201
Capítulo 12: A DEMOCRACIA E AS INSTITUIÇÕES DA BIOÉTICA.....	225
Capítulo 13: SERÁ QUE OS JUÍZES PODEM DIZER A BIOÉTICA? .....	235
 <b>TERCEIRA PARTE</b>	
<b>A AMBIÇÃO BIOÉTICA: UMA NOVA VISÃO DO MUNDO?</b> .....	247
<b>Título 1: O poder bioético</b> .....	249
Capítulo 14: O DEBATE BIOÉTICO: UM DEBATE POLÍTICO?.....	251
Capítulo 15: OS NOVOS CÍRCULOS DE ENTENDIDOS E O CORPO .....	259
Capítulo 16: OS DESAFIOS A ENFRENTAR PELA "GOVERNANÇA" NA BIOÉTICA.....	267
<b>Título 2: A normalização bioética</b> .....	281
Capítulo 17: O MUNDO DO DIREITO EM FACE DAS CIÊNCIAS DA VIDA: SOCIEDADE DO RISCO, DO DIREITO E DA DEMOCRACIA .....	283
Capítulo 18: DIREITO E INSTABILIDADE DAS REALIDADES HUMANAS: A REFORMULAÇÃO DO DIREITO.....	295
Capítulo 19: BIOÉTICA E (R)EVOLUÇÃO DO DIREITO DA FAMÍLIA.....	317
Capítulo 20: AS SITUAÇÕES-LIMITE MERECEM UM DIREITO? .....	325
<b>Título 3: A bioética: o senso de responsabilidade e de solidariedade</b> .....	343
Capítulo 21: REFLEXÕES SOBRE O PRINCÍPIO DE SOLIDARIEDADE .....	345
Capítulo 22: A RESPONSABILIDADE SOCIAL, FUNDAMENTO DE UM DIREITO CIVIL RENOVADO?.....	361
Capítulo 23: BIOÉTICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	381
Capítulo 24: OS COMITÊS DE ÉTICA DOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO TERÃO NECESSIDADE DE UM QUADRO JURÍDICO? .....	385
Capítulo 25: O FUTURO PERTENCE A ELES: O DIREITO DAS GERAÇÕES FUTURAS.....	401

<b>Título 4: A globalização bioética .....</b>	<b>419</b>
Capítulo 26: A BIOÉTICA MUNDIAL E A CULTURA .....	421
Capítulo 27: BIOÉTICA E FRANCOFONIA: EM PROL DE UMA RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO .....	425
Capítulo 28: BIOÉTICA, UNIVERSALISMO E GLOBALIZAÇÃO: A DINÂMICA DAS CONTRADIÇÕES .....	435
Capítulo 29: UMA PONTE EM DIREÇÃO AO FUTURO? O UNIVERSALISMO BIOÉTICO NO CONTEXTO HISTÓRICO .....	455
Conclusão: A BIOÉTICA, UMA NOVA UTOPIA CIVILIZADORA? .....	465



# INTRODUÇÃO

## A bioética: mito ou mistificação social?\*

O que foi designado pelos cientistas como “ciências do ser animado” – e que simboliza a revolução biológica e genética em suas múltiplas aplicações – tornou-se também, nos últimos vinte e cinco anos do século XX, uma realidade social e humana, perceptível por sua influência sobre a saúde dos indivíduos, assim como sobre a maneira de viver dos países desenvolvidos. Os avanços da medicina, a expectativa e a qualidade de vida estão intensamente relacionados com esse fenômeno.

Nossa liberdade de constituir uma família é facilitada pela contracepção, assim como pela assistência médica à procriação. A abundância alimentar tornou-se possível graças a uma agricultura transformada em indústria de grande produção. Inseridas no nosso cotidiano – e afetando até mesmo as nossas mais íntimas relações sociais –, as ciências do ser animado participam, desse modo, na mudança de “paradigma”, de referência, que está desestabilizando nosso mundo, conduzindo-o de uma sociedade industrial para uma sociedade tecnocientífica no sentido em que é o produto da ciência – e não mais o que ela diz ou re-

---

\* Agradecemos à editora *Éditions ESKA*, por ter autorizado amavelmente a reprodução deste texto: “La bioéthique: mythe ou mystification sociale?” (Byk, 1999a, p. 9).

presenta – que se tornou o desafio da construção da sociedade pós-moderna.

Esse desafio suscita questões que são atualmente bem conhecidas de cada um de nós. Elas gravitam ao redor desta interrogação: tudo o que a ciência torna possível deverá ser realizado? Maternidade por substituição, clonagem reprodutiva humana, pesquisas sobre o embrião, patentes relativas ao reino dos seres animados, produção de alimentos a partir de organismos geneticamente modificados, cada um pode daqui em diante, graças à abundância das informações, ter uma ideia dos argumentos que se enfrentam neste novo debate em torno da ciência e de suas aplicações. Cada um apercebe-se também perfeitamente de sua natureza. Em vez do que ocorria no tempo de Galileu, trata-se atualmente do conflito entre uma representação “ideológica” do mundo (naquela época, a da Igreja) e uma representação “objetiva”, a da ciência que descobre as “leis naturais”. Trata-se de uma oposição sobre a finalidade dos usos da técnica para transformar o mundo, incluindo o homem enquanto ser biológico e social. A busca de um equilíbrio entre o possível e o desejável vem a ser, em nome da evocação de um imperativo ético próprio da natureza humana, o motivo recorrente da bioética, ou seja, a ética aplicada às ciências do ser animado.

Os debates relativos às biotecnologias e à biomedicina parecem traçar assim seu percurso contemporâneo, seguindo um caminho daqui em diante reconhecido: uma pesquisa fértil, apoios institucionais consideráveis, perspectivas promissoras de aplicação médica ou industrial.

Será que se pode dizer o mesmo a respeito da bioética?

Na ética, parece que a pesquisa tem sido fértil sob vários aspectos: pela vivacidade do debate entabulado com as diversas escolas filosóficas sobre as relações entre ciência e sociedade; pela capacidade do direito para fornecer análises capazes de responder aos desafios suscitados por situações novas e inéditas; por certa

abertura entre disciplinas científicas e ciências humanas de modo que o homem, em vez de ser “dissecado” segundo a disciplina que o estuda, seja considerado plenamente em sua globalidade biológica, psicológica e social.

A força institucional da bioética é, aliás, uma evidência que se torna cada vez mais concreta: a eclosão dos comitês de ética, seja em quantidade ou em especialidades; a implementação, em proporção menor, de cursos e formações; a organização, mais ou menos estruturada, segundo os países, de um debate social sobre os aspectos éticos da biomedicina e das biotecnologias.

Enfim, as perspectivas de aplicação, se forem avaliadas pela bitola da produção ética, deveriam ser imensas: a bioética é, com efeito, produtora de normas, sejam flexíveis ou restritivas, de origem profissional ou pública, nacionais e internacionais; além disso, ela suscita, a partir dos valores gerados pelo confronto das novas técnicas com o nosso imaginário, a vontade de uma reapropriação, se não de um controle, da ciência e de sua competência na área do social, do cultural e do político.

A ética, a bioética – pouco importa aqui o nome que lhe é atribuído – estaria passando, neste caso, por momentos favoráveis: ela não seria somente um efeito de moda, mas um verdadeiro fenômeno social global, institucional, internacional e político. Fica aí o registro!

No entanto, o que vamos fazer com essa constatação de franco sucesso? O bioeticista, se é que ele existe, pode regozijar-se diante de tal situação, mas o que deverá pensar o cidadão a esse respeito?

Será que a bioética se tornou o remédio universal, o expediente adequado para dar resposta a todas as nossas angústias, a chave de todas as nossas interrogações e inquietudes?

É verdade que a bioética, pelo fato de ter uma vocação pluri-disciplinar, permite tomar de empréstimo a todas as disciplinas e, ao mesmo tempo, estigmatiza o que cada uma possui individualmente de dogmático e parcelar.

É verdade também que a bioética, por ser pluralista, busca mais a harmonia e o consenso do que a valorização dos contrários: ela oferece, sobretudo, procedimentos de diálogo e não tanto a possibilidade de fixar posições definidas.

Desde então, é possível pensar que o debate bioético promove uma sociedade de diálogo e tolerância em torno de grandes valores comuns, e que o objetivo da bioética consiste em evitar que tenhamos a síndrome de Galileu: permitir certo controle da sociedade sobre a ciência sem estorvar, em benefício da humanidade, o rápido progresso do conhecimento e da pesquisa.

Todavia, é possível também inquietar-se com essa formidável mobilização à volta da bioética que, para resolver questões prementemente novas, suscitadas pelo desenvolvimento das ciências do ser animado, obriga-nos a abandonar princípios considerados por alguns como absolutos, transforma o nosso direito, retira parte dos poderes usufruídos pelas instituições democráticas tradicionais e coloca uma sociedade inteira, com sua história e cultura, a serviço de técnicas cujas aplicações só têm, às vezes, a única perspectiva de responder a estratégias econômicas de curto prazo e, até mesmo, de conduzir, a longo prazo, para novas formas de dominação do homem, tanto sobre o homem quanto sobre o meio ambiente.

Será então a bioética a promessa de um novo eldorado na época da sociedade tecnocientífica, ou não passará de uma mistificação social, cujo fim é iludir-nos acerca da nossa capacidade para dominar o mundo com a preocupação de partilha e de perenidade?

Nessa perspectiva, nosso escopo, com a presente obra, consiste em analisar a bioética, não através da diversidade das questões formuladas pela aplicação de cada uma das novas técnicas, mas como um fenômeno social global que se insere na história do desenvolvimento humano e constitui atualmente um dos

elementos de compreensão das profundas transformações que afetam o nosso mundo.

Tendo o desejo de promover uma reflexão global sobre a bioética, este livro nem por isso é uma obra “teórica”, visando afirmar pontos de vista definitivos. Ele se nutre (como testemunham os textos nele reunidos) da experiência “profissional” de um jurista, imerso nas origens promissoras da bioética, cuja pretensão foi sempre a de servir-se da abordagem peculiar que o direito fornece das realidades para propor análises suscetíveis de levar a compreender e agir para além dessas constatações iniciais.

Ao explicar, em 1994, a Yvan Frolov – primeiro presidente do Comitê Nacional Russo de Bioética e último diretor de redação da Pravda –, minha visão, excessivamente “política” da bioética, e ao questionar a intérprete, até então impassível, sobre as razões de seu sorriso diante das afirmações de meu interlocutor ao termo de uma longa conversa que me pareceu eminentemente séria, tive esta resposta: “Ele declara que o senhor é um excelente marxista!” Até mesmo em bioética, convém desconfiar dos elogios para não perder o espírito crítico.

Leitor, queira cultivar, portanto, seu espírito crítico, e que este livro permita a cada um formar sua própria opinião.